



SPOLLIVM

Marcos de Andrade Filho

SPOLLIVM

Marcos de Andrade Filho

SPOLLIVM

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado.

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques.

Diretora da Editora UFPE: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Editora associada à



Comissão Editorial

Presidente: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covalleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alexsandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covalleski, Sílvia Helena Lima Schwamborn.

Capa: Ildembergue Leite de Souza.

Revisão: José Iedo Cavalcanti Ferraz Filho.

Impressão e acabamento: Editora Universitária da UFPE.

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

A553s	Andrade Filho, Marcos de, 1982- Spollivm / Marcos de Andrade Filho. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 123 p. – (Coleção Novos Talentos). Inclui biografia do autor. ISBN 978-85-415-0169-9 (broch.) 1. Poesia brasileira. I. Título. II. Coleção.
B869.1	CDD (23.ed.) UFPE (BC2013-005)

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

*“Este livro é para Jesus Cristo, a Palavra com que
Deus – o Maior de todos os Poetas – escreveu o mais
belo poema do Universo, por isso as retomadas, os
ecos, as vozes: tudo é som da boca de Deus”*

O Autor

*Este livro é em memória de Edmir Domingues, Thelma
Andrade, Rosenita Silva e Maria do Carmo D'Amorim*



*Livro vencedor do Prêmio Edmir Domingues 2011
da Academia Pernambucana de Letras*

AGRADECIMENTOS

A Deus – pelo Verbo

A meus pais Marcos e Etienne – pelo Signo

A minha esposa Rayssa – pelo Significado

A meus filhos Marcos Emanuel e Mel – pela Ressignificação

A Lucila Nogueira – pelas Letras

A Bianca Campello – pela Crítica

A Melchiades Montenegro Filho – pela Leitura

A Rafael Mesquita – pela Palavrimagem

À Academia Pernambucana de Letras e à família do poeta Edmir Domingues – pela Literariedade reconhecida

À Editora Universitária da UFPE – pelo Livro

POR UMA POESIA EM DESPOJAMENTO

Como é difícil, para quem ama a poesia, exercer a poesia. Essa é a sensação que fica da autoavaliação de Marcos em seu *Spollivm*. Como libertar-se de todas as leituras, de todas as soluções estilísticas e lançar-se a uma vivência nova da poesia? Como ser poeta apaixonado pela própria, no início do século XXI, e ter voz própria se o próprio Drummond também vivenciou a angústia da influência, dividido entre os objetos mínimos e grandes, preocupado com a resistência da poesia? Como?

A solução desse jovem poeta pernambucano — jovem que se contempla em infância, despedindo-se da época em que ter todos os livros por si só era fazer de si uma história mais bonita que a de Robinson Crusoé — parece ser admitir a impossibilidade da voz original. Mesmo os poemas posteriores ao seu Espólio Paterno, seção inteiramente dedicada aos próprios mestres, têm uma marcada dicção bandeiriana. Não é à toa que Bandeira é o tema e o interlocutor do poema de abertura do livro e o mais citado escritor em todas as imagens às quais Marcos recorreu — das quais destaco com especial carinho os versos de encerramento de “A biblioteca da minha escola”, o poema de maior sinceridade artística da obra.

O carinho dessa referência tem motivos especiais. O primeiro é a obra de Bandeira evocada, uma das mais singelas da produção de Mané. O segundo é o fato de “A biblioteca da minha escola” ser a qualidade poética alcançada em “A biblioteca da minha escola” per si. Se o dilema de Marcos é se assumir como voz individual em meio ao forte coro que canta nossa fortuna — dilema de que ele, como barítono, tem todas as formas de consciência — em “A biblioteca da minha escola” a voz de Marcos adquiriu solo. É no momento em que o poeta conseguiu posicionar o mestre em seu devido lugar — a biblioteca da infância, a memória, o brinquedo e o outro a quem se ama — que se tornou possível ler Marcos com sua própria voz.

O último, e não menos importante, é o da identificação. Dificilmente quem ama literatura e, por isso, inicia a leitura deste volume, não se projetará no menino que também não percebe a dimensão da felicidade de sua história. Se a poesia, *lato sensu*, é uma comunicação de alma para alma do sentimento de belo no mundo, raros são os textos da poesia atual que conquistam uma comunicação tão direta de experiência humana.

Sintomaticamente, o fato de essa comunicação ocorrer num poema em que vemos o menino Marcos (e a nós, meninos e meninas, também) e em que o desejo pela literatura é o tema central, não resulta de um acaso. Influência bandeiriana, a infância é o tema também de “Seus oito anos”, outro poema que se destaca na primeira parte do livro, e que, entre aqueles de mesma proposta, tem o melhor resultado. E o desejo pela literatura, e através dela, é o tema de “Toda minha”, a terceira realização, em minha lista pessoal, da primeira parte do poema. Dedicado à esposa do poeta, “Toda minha”, assim como “Seus oito anos”, tem um interlocutor ausente do eu poético (que, quando dialoga com Rosa, Machado, Cecília, dialoga com sua própria poesia em espelho) e, seja por isso, seja pela necessidade de ser-a-si-mesmo, alcança um volume de destaque em meio a todas as referências textuais.

Da segunda parte, daquilo que de tudo da cidade lhe ficou um pouco, destacam-se os versos de “Solares”. Se “Hermes” tem muito da dicção drummondiana de “Infância” (e o olhar da infância da influência bandeiriana também está entre os poemas de “Solares”), é “Sistemas Solares” o poema mais forte da coletânea. O exercício de objetivação — estilística e temática — desenvolvido nesse texto é uma forma poética em que, acredito, veremos mais do escritor nos seus próximos trabalhos. Representa o seu passo além dos ajustes de conta quase edipianos que os poemas da etapa anterior representaram.

Esse julgamento não advém de um mero impressionismo crítico. Observando-se a última parte da obra, em que Marcos avalia o que se tornou permanente de sua luta com as palavras, “Celestiais” (uma ampliação da temática de “Solares”) é a primeira produção a se destacar. Compartilha esse poema com o texto da parte anterior a objetivação da subjetividade e, principalmente, a objetivação estilística. Despidendo-se das adjetivações e fazendo do mínimo objeto o grande, Marcos conseguiu nas doze partes de “Celestiais” sua melhor produção na luta com as palavras. Essas mesmas características estão presentes

em “Poema Pitagórico”, excelente narração poética, e “Conversão”, o poema confessional mais autoral de todo *Spollivm*.

Porque conheço Marcos e sua poesia, sei que o encerramento de seu *Spollivm* — sentença construída na plenitude de sua ambiguidade — é uma jornada de início. O que esperar da poesia de quem, menino que era, tomará para si olhos de novas infâncias? Os passos que se iniciam desse caminho prometem redescobertas e novas paisagens. O convite para esses novos alumbra-mentos, permito-me fazer, para que seja de mãos dadas.

Bianca Campello, UFPE Letras
Recife, agosto de 2012

A NUDEZ DO VERBO

Estou nu
diante das coisas
e vestido diante do Verbo.

Trágica brancura do meu corpo.

Minha queda
deixou semente
nenhum fruto.

Vermelhidões de maçã.

Escarlates carnes

Encarnado Deus

Rubro sangue: O Verbo Desnudo

E esta certeza sem roupas
de querer voltar a viver nu
por um só dia
nos Átrios da Palavra

PARTE 1

ESPÓLIO PATERNO

OU

A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA

OU

MEUS POEMAS DOS OUTROS

OU

MEU DOCE PAIDEUMA

OU

MON PETIT MAFUÁ

OU

MINHA LÍNGUA EM BOCA ALHEIA

OU

SPOLLIVM PRIMVS

(IN NOMINE PATRIS...)

Mané

Ao Mestre de Pasárgada

A Bandeira da poesia
é o menino brincando
na rua da União...

Mané...
Bandeira do lirismo pungente...
Mané quer a Estrela da Manhã

Vê
Só
O Beco...

Repleto de elipses mentais.

A Bandeira brasileira
é Mané cantando
a língua errada do povo
Língua certa do povo...

Teu verso libertino vive, Mané!
Teu verso solto
Vive!
É por isso que não sinto, agora, a tua falta.

Teu ritmo dissoluto
me leva
me eleva
às esferas...

A estrela da tarde
é o menino Mané menino
na rua da União...

Equanto no bairro de São José
bradam num assomo:

“Evoé Momo!”
Carnaval!...

Recife...
Bons Ares...

Cavallhadas...
Tango!

Volta a chover
hoje
a chuva resignada
do teu verso
limpo
bailando sob as notas de Ovalle...

É por isso que sinto a tua falta...

Mané
é a Bandeira da vida
que podia ter sido
E que foi! - Não foi! - Foi!

Mané:
Bandeira dos tísicos profissionais,
de tuas horas resta mais que cinza.

Por isso não sinto a tua falta!

Mané,
fazes da existência uma aventura
Aventura inconsequente de notícia no jornal
Inconsequência de quem fez versos
como quem vive...

.....

Não pensarei nunca que acabaste - não acabaste!
Tudo em ti é impregnado de eternidade...

Mané...

Bandeira viva!

Mané vivo, Mané bom, Mané brasileiro que nem casa de avô.

Cecília

A Cecília Meireles

Tua voz ecoa
 nem alegre
 nem triste

ecoa...
 nesta terra
em que vozes calam
sem serem mudas:

 faces perdidas
 mais nada

Ecoa...
 E teu canto existe
existe o instante
e esse azul é tudo
 (E o mar...)

Amar:
vida completa

A vida-flor
– se é possível –
só é possível
por ressoar
teu canto
recriador
reinventor
 disso
 daquilo

e de todos nós

Ecoa...

e reinvento
vidas refletidas
na malha diáfana
de teus símbolos
que me lembram
de um tempo
em que eu não tinha
este rosto

assim...

Relembramentos

A João Guimarães Rosa

As lentes brancas de recordar.
Escrevinhações no nada
do sertão de dentro que atravesso para lembrar...

Tiros que ouvi.
Ressurgência das águas de dentro:
 relembrações de primeiras outras-estórias,
enquanto cresço
esta seta que aponta para o infinito-ao-longe
da margem outra de mim.

Água do prasempre:
 ressurgências e relembramentos
indo, indo
rio abaixo, rio afora,
rio adentro
do ir
 a doer dentro de mim.

Ah, relembramentos sorvedouros redemoinhos!

Diabo de nuvem-água
que ressurg e me atravessa
no meio do redemoinho da terceiramargem da rua:
a minha-tua travessia da gente

Infinitamente,
me relembro
 de estórias

no sem-fim
do ser tão eu: sertão em mim
enveredado de poeira, água e rosa!

Ah, relembramentos sorve-dores rede-moinhos!
Ponham-se eternamente em ata
para que eu vá pra que eu fique e qu'eu nunca volte.

Quando eu voltar

A Carlos Henrique de Vasconcelos, no Recife de Mauro Mota

Quando eu voltar
ao Recife de Mauro Mota,
não irei aos bares
 irei às pontes
 por onde passavam
 os bondes
 tão repletos de tudo
e desejos...

Quando eu voltar
ao Recife de Mauro Mota,
não irei aos monumentos vazios
de um tempo
não irei aos templos
de pedra
 irei aos homens
 de pó
 de barro
 de lama
 e poesia
porque é lá
que eu encontrarei
o Recife.

Não irei às praças
não cantarei as raças
 irei canções
 cantarei nações
Pernambuco!

Quando eu voltar
ao Recife de Mauro Mota,
não querei estar
apenas no Recife
de Mauro Mota...
 querei ser
 no Recife que é meu...

E o chão irá chorar
de tanta cor!

Recalque

A João Cabral de Melo Neto

Rebaixa-se a terra
após a construção da obra
Andaimes...
A exclusão,
do campo da consciência,
de certas ideias
Andaimes...
E que, no entanto, continuam
Andaimes...
Sentimentos e desejos
E que, no entanto, continuam...
que o indivíduo não quisera admitir
E que, no entanto, continuam...
...continuam fazendo parte
da vida e da vida
não raro suscitando...
outras arquiteturas.

Rebaixa-se a terra
após a construção da obra:
a semântica das pedras...
Sinestesias... Metáforas paradoxais...
Sobretudo irônicas abstrações de concreto
todas pré-fabricadas:
arranjo polissêmico:
arranha-céu-da-boca do tempo
e implode no peito
dos infelizes
E, no entanto, continuam...

...continuam fazendo parte
da vida e da vida
abstrações de concreto em torpor:
opiado de brita e brita:
a semântica das pedras...
das perdas que nos evoluam e nos elevam e nos levam
a sonhar...

outras arquiteturas.

Réquiem Nº 2, Opus 1

Cântico e Mistério a Alberto da Cunha Melo no céu

Eis que alguém chega sonoro som de música
E logo se vai, no vulto que se ouve do vento,
Este estampido pétreo
Que de queimar quimeras quase que se quer ‘não’!

Por que música, se silêncio?
Por que tudo, se solidão?

É possível que almas venham para o júbilo
E, súbito, se fechem no féretro oculto mistério inquebrantável dor?

Hoje, eu soube que chegada e partida
São os dois olhos da mesma misteriosa poesia!

Abstrações de concreto

A Augusto de Campos, a Décio Pignatari
e a Haroldo de Campos (*in memoriam*)

Vejo-os
surgir espaços
– visão caetana
Canta sólida
minha alma neo-pós-moderna
– tudo é prática-
mente
 edifício

Num xadrez
de sapienciais
estrelas
 despoetizadas
vejo-os
 pignatariantes

Barbárie concreta
Fac(e)-símile
mergulhados
no caos sousandradino de Saint John Avenue...

E eu
no tempo...
embalsamado
num crisântemo
sapiencial
de brita em curvas armadas

Re-vejo
o céu-quase
de São Paulo:
é difícil beleza
talvez-poesia-armada-de-pedra

E eu,
pré-fabricado,
no tempo
no sangue
de minha ju-
gular-ciência

10
 coins
 true
 e dor
do mundo
ao avesso
ao a-verso

Vejo-me também espaço
no espaço flutuante
contro(re)verso...
 Campos concretos!

Chanson de l'exil

Minha terra tem exílios: terra de homens exilados
Não só porque minha terra expulsa seus filhos,
Mas porque os homens da minha terra estão cansados

Estão cansados uns dos outros
E exilaram-se no esquecimento das ilhas...
Que pena que Gonçalves Dias foi estudar
Tão antes da primavera dos cravos
E só pôde ficar pensando
Nas flores dos bosques
Que minha terra não possui
E nas palmeiras – tão nossas – importadas do estrangeiro...

Hoje, canto a terra do exílio
E constato, tristemente,
Que essa terra é minha terra:
A terra de onde se foge...

Bandeira foi pra Pasárgada
Chico foi pra Roma
Caetano, London London
Meus amigos estão indo pra Québec

“João foi pra os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou pra tia [...]”

Olhei para o céu e pedi o fim do exílio:
Não permita, Deus, que eles morram,

Que as flores murchem, que Lili se case,
Nem que o major Quaresma seja fuzilado!

Cansado de tantos exilados
Da minha terra de cá
Olhei para a gaiola na varanda
Para ver se via o sabiá cantar

Mas sabiá lá na gaiola
Fez um buraquinho
E voou

voou

voou

voou...

Viuvez

A Mário Quintana

Eu queria trazer-lhe uns versos à Quintana
Para, à mesa posta, tu te servires de luz.

Um poema-luz

- tão lindo... tão lírico! –

Um poema-lanterna-chinesa

Vermelho!

Olha!

Olha minhas mãos,

Molha minhas mãos:

Elas só não te são estranhas

Porque são tuas

E te escrevem

Este feixe de luz

Em letras, apenas, vermelhas...

Mesmo sabendo

O quanto é difícil

Escrever com a tinta das veias...

Mais fácil é crer que há Deus...

E eu só queria

Servir-lhe uns versos à Quintana

E o que sai é este poema, este pobre poema

Como eu:

Triste

Solitário

Único.

Um só homem à mesa, ferido de mortal beleza,

Sem poder sequer levar a alguém

Um poema à Quintana...

O que fazer de um homem só?

O que fazer de uma velhinha sozinha numa gare?
O que fazer de uma sapato perdido?
Mais fácil é saber se há Deus...

Adeus?

E eu só queria poder encher teu prato
Como antes
Com um poema à Quintana...
Mas a lanterna apagou-se
E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te,
Como quando tu me ensinaste a rezar...
Espera.
Então, talvez tu sejas presença de Deus!

Há Deus!

Evangelho segundo o sentir e nenhum pensar

A Fernando “Alberto Caeiro” Pessoa

Reli hoje a história do Nosso menino Jesus
e de só sentir o espírito da criança
brincando em minha alma
religuei-me ao que eu era e tinha esquecido
como pó de fé sob o tapete pesado da descrença...
e recolhi o pó e soprei-o de volta ao ar,
no meio de minha casa,
para que ele me fizesse espirrar o vírus medieval
da desesperança adulta, tomista e litúrgica...

Senti Tua Boa Nova mais verdadeira
do que a que me trazem os filósofos e minha mãe
e o padre que me ajudou a perder a infância
decorando catecismos... e a sequência racional
de cálice sanguinho patena hóstia pala e corporal.

Esquecera-me da meninice de menino e de Jesus,
que não contam no livro sagrado,
mas que me contaste em Teu Evangelho verdadeiro
de pastor verdadeiro...

Hoje, poderei deitar e despir meu filhinho sem pensar
e sem pensar no que dizer, pois que tudo já está dito
e tudo simplesmente é, porque tudo não é e jamais será
o que eu penso, mas apenas o que eu sinto
quando ponho meu menino Jesus,
cansado das peraltices do dia,
a dormir seu sono de menino...

Graças a Ti, Pastor,
que com Teu cajado me guardaste e me guiaste
para perto da religião: esta coisa que fica fora
e longe das igrejas e de outros edifícios universais,
apostólicos, romanos, ridículos e todas essas indecências
que se pode ver quando se é como eu – Deus!

Graças, Pastor, pela criança em minha alma!
Graças por Teu cajado e por Teu Evangelho-luz-do-dia:
o Evangelho do menino Jesus Cristo,
segundo a poesia!

Canção livre para Rayssa

Sob os influxos de Vinicius de Moraes

Eu te amo mesmo não havendo amor,
Neste mundo de desamores descomunais!

Eu te amo entre as esferas celestiais
E mais ainda à sombra de uma flor

Eu te escuto apenas porque só há o escutar-te
No silêncio em que se transmutaram os meus dias.

Eu te sigo como os reis seguiram a estrela guia
E te admiro, pois para isso o artista cria a arte!

Eu te quero às vezes como se não quisesse...
Mas te desejo agora e a cada instante

Com a mesma fé de uma criança numa prece.
E, por te amar como quem ama, sou amante!

Enquanto o desamor ao outro – de desamar – fenece,
Amo-te sem tempo na eternidade, depois, agora e antes!

Uma aranha sozinha
Não tece um poema
Ela precisará sempre
de outras conexões:
De um blog que lance o poema
Que um post antes e o lance a outro
E de um tweet que pegue este poema
Que um scrap antes e o curta em outro

A poesia é uma teia de loga-ritmos
na tela brilhante de não palavras...
poesia são redes se entretecendo
se enternecendo se internetecendo...
palavras sobre a linha inexistente
formando teias tecidos redes telas
e todos os toldos num intertecer
de enternecer words underlined
worlds on line: poemas de email-ponto-com quem quiser!

O risco: o de cair na rede
E não cair da rede;
O de ser mosca no banquete
Ou o de ser o marido da viúva-negra na cama-teia
A poesia é um convite para deitar:
entre na rede e deixe estar
até que tudo amanheça menos tela
e mais manhã: luz-verdade.

Seus Oito Anos

A Bruno Andrade, meu irmão

Era engraçado ouvir você
dar risadas daquela paródia
do poema do Casimiro
que eu lia
quando a gente ia dormir...

Acho que você ria tanto
porque tinha só oito anos...
Eu, dez.
Meu tempo de laranjais passou cedo...
E era tão bom ver a sua aurora!...

Sei que pior é este tempo de crepúsculo...
Mas eu queria tanto que você soubesse...

Acho que não sei dizer,
Mas como eu queria que você soubesse...

Ai, que saudades que eu tenho!...

Ao reflexo do bruxo no espelho

A Machado de Assis

Muito tempo hesitei
se deveria ab-
rir

este poema pelo início
ou pelo fim, isto é,
se contaria inicialmente
a alma
ou a forma...

Sabendo que o uso convencional
seja começar pelo óbvio,
duas coisas fizeram-me adotar
nenhum método:

é que não sou propriamente
um poeta óbvio,
mas um óbvio-poeta!

Brás Cubas,
que também falou
do mundo das almas
pôs a alma no introito
e no cabo...

E essa é a crucial semelhança
entre M. de A. e M. de A.

A Biblioteca da minha escola

Aos irmãos Maristas e a todos os pais que tive

Na biblioteca da minha escola
eu era Robinson Crusóé
e desbravava – com um misto de curiosidade e espanto –
aquela ilha
 cercada de palavras por todos os lados...

Apesar da escola,
aprendi a ler e a gostar disso...
Só hoje entendo porque meus colegas me olhavam
como quem viam um alienígena!

Sexta-feira era o dia
de levar os mundos dos Grimm
para o meu quarto
 ou plantar uma rosa
 ou humildemente pegar,
 com mãos de príncipe,
 a cauda do cometa Exupéry!

A biblioteca da minha escola
era uma selva
e eu, tão bom e tão selvagem,
era bravo
era forte
era filho da sorte de encontrar
algun daqueles de páginas gastas e amareladas
de que eu tanto gostava...

Parece que fui crescendo

junto com a biblioteca
da minha escola

Fui-me embora pro passado, pra Pasárgada, pro exílio
e para uma terra de mandarins fantasmas
que me puseram em caravelas
para navegar o périplo de tantas vidas
que não eram e eram minhas...

E fui amando a biblioteca
da minha escola...

Alumbrei-me com Teresa,
Feri-me por Ceci,
Enlouqueci por Desdêmona,
Morri por Charlotte

Até que minh'alma
se foi sorvedouro abaixo
nas águas turvas do olhar de Capitu!

E, naquele cantinho meu da minha escola,
fui rei, corcunda, gigante,
presbítero, sabugo de milho,
cavaleiro triste, poeta,
carteiro e até um defunto que escrevia...

E fui Cecília e Florbela
e fui Clarice e Rachel
fui Cora e Coralina
fui Henriqueta e fui Lisboa, Paris, Roma, Sevilha, Canudos, Recife...

Fui gentes e lugares
que eu nem contava existirem...

...fui as coisas que não entendia
e também as que comecei a entender...

E fui virando eu mesmo
na biblioteca da minha escola,
pois, na hora da solidão,
eu tinha a companhia
de uma legião de Pessoas e Anjos
empunhando Cruz, Bandeira, Machado, Lima e Rosa, dizendo:

– Vai, Marcos, ser tudo na vida!

E fui isso tudo na biblioteca da minha escola...
Principalmente fui feliz na biblioteca da minha escola...

E, hoje, quando bate esta saudade,
que me deixa triste e comovido
de não ser menino,

abro um sorriso

por lembrar
que a biblioteca da minha escola
foi minha mãe

e minha primeira namorada!

Toda minha

Para Rayssa Mesquita, no dia em que me tornei
todos os heróis da Literatura Universal

Quero-te, assim, bela das belas,
Pois que o belo em ti é bom e verdadeiro.
Quero-te soprando em minhas velas
Para a viagem que farei por meu mundo inteiro!

Quero buscar-te e, por buscar-te, ver meu irmão morrer
Diante dos portões de tua prisão!
Quero ver-te como cachos de uva e raposa ser
Para de tua fábula ser a moral mais sem razão!

Quero-te trespassada em meu calcanhar
Quando teu presente cruzar os meus umbrais!
Quero-te liderando meus exércitos a lutar
Ou me incitando absurdas bacanais!

Quero, por ti, provocar a morte de meu pai
E ser Rei e te vencer, minha doce esfinge!
Quero esconder em teu altar o ouro de meus ais
E saber que, em ti, sou um ator que nunca finge!

Quero-te e, por querer-te, trairei meu tio,
Nome de meu nome, rei de Cornuália!
Demandarei por ti o cálice sombrio,
E, por querer-te, hei de amar minha mortalha!

Quero cantar-te em canções de amor
E ver-te desprezando-me, minha senhora!
E esperar de ti uma música de amigo, uma flor

Mesmo enquanto de mim escarneces sem demora!

Quero descer à selva mais escura
No meio do caminho de minha vida
Para trazer-te de volta quando alcançar a brancura
Dos céus. E ver que, em ti, a vida me convida!

Quero-te, assim, sacrossanta e meretriz!
Quero ser teu e deixar-te ser minha dona!
Quero chamar-te de minha Beatriz!
Quero-te amor ch'a nullo amato amar perdona!

Quero jurar pelos paraísos perdidos que cometo
Por ti todos os crimes em dez jornadas!
Quero florir teu cabelo e cantar-te num soneto,
E sentir tuas mãos entre as minhas na alvorada.

Quero invocar as ninfas do rio Tejo
Para cantar o peito ilustre de uma raça
Quero matar-te nas águas de um beijo
E repousar minha lira rouca, mas de prata!

Quero ferir todos os moinhos de vento
Que me sopram para longe do palco do teu mundo
Quero dizer-te todos os meus lamentos
Desde o mais brando ao mais claro e mais profundo!

Quero sonhar-te numa noite de verão!
Quero ver-te em meio à Tempestade já desfeita!
Quero ver teu fantasma e dizer-te aos que virão
Que és Desdêmona, Ofélia e Julieta.

Quero ferir tua razão e sensibilidade
E sentir teu sexo aprisionado em minha Bastilha!

Quero ser o vento que uiva em tua tarde
Quero ser tua quimera, teu repouso e tua ilha!

Só não quero viver os sofrimentos de ser jovem
Nem, por não tê-la, vender minh'alma ao Diabo!
Mas quero duelar com os Mosqueteiros enquanto podem
Invejar-me por ser teu cavaleiro e teu escravo!

Quero, do alto da catedral, ver-te dançar
E desprezar minha tétrica figura!
Quero ver-te na ópera a desfilar
Com outro ser que não eu, flor em miniatura!

Quero-te assim, minha guerra e minha paz,
Quero ser teu filho e teu amigo,
Quero ver nascer vida no instante mais fugaz,
Quero-te assim, meu crime e meu castigo!

Quero ser o fantasma que regressa
Para duvidar de teus olhos de cigana
Quero ser a barata mais funesta
Que se quer sábio, mas se entrega e se engana!

Quero ser tão dentro de ti
Ou na rua no meio do redemoinho
Quero ser aquilo que chora e que ri
A pedra no feijão ou no meio do caminho!

Quero ser o Amor maior que me conduz
A entregar-me, para ter-te viva e por inteiro.
Pena não poder repetir o gesto do Herói da Cruz,
Pois o ato d'Ele foi definitivo e derradeiro.

Quero que sejas minha pátria, minha língua.

Quero que sejas o que se ama e se atura
Pois enquanto o que passa morre à míngua,
Ficas tu, toda minha Literatura.

Intermezzo ou Poética de A a Z

A hora A
é tempo de descobrir palavras
e há no ar
puerilmente
uma misteriosa poesia.

A hora B
é tempo de masturbar palavras
e cai no chão
adolescentemente
um gozo que parece poesia.

A hora C
é tempo de namorar palavras
e pulsa nas veias
imaturamente
uma centelha de talvez-poesia.

As horas de D a G
é tempo de violar palavras
e o sangue da violência
tristemente
ainda não é poesia.

A hora H
é tempo de comer palavras
e o que nutre e fecunda
vitalmente
começa a gerar poesia.

As horas de I a Y
é tempo de engravidar palavras
e, do Lácio à Hélade,
milagrosamente
parece nascer poesia.

A hora Z
é tempo de curvar-se diante das palavras
e essas meninas,
poderosamente,
nos preparam para ser poesia.

Intermezzo 2 ou Why do you do poetry?

Porque quero irritar os idiotas
Porque quero magoar os caretas
Porque quero promover deliciosas
dionisíacas

Porque quero deglutir todos os sentidos
Pela direita, pela esquerda, pelo reverso
e especialmente pelo verso...

Porque quero todos os sentidos todos
os sentidos todos satisfeitos
todos os sentidos

e nenhum...

Porque quero ser a palavra-chave
Porque quero ser o alvo
das flores e tomates
da claque do mundo

Porque quero tudo e nada
quero
porque quero nada e tudo
e porque quero que nada e tudo
tenham todos os sentidos satisfeitos

e nenhum...

Porque quero e gosto das antíteses
opondo-se a si mesmas

Porque quero e gosto dos paradoxos
opondo-se a si mesmos
Porque quero e gosto dos opostos
opondo-me a mim mesmo

e ninguém...

Só porque quero desdizer o inefável
Só porque quero desmentir o óbvio
Só porque quero desmedir o imensurável
Só porque quero tudo

e nada...

É que leio
o que não foi escrito

É que escrevo
o que não está nas linhas
de minha face

E minhas mãos...

PARTE 2

ESPÓLIO DE UBIQUIDADE

OU

RESÍDUOS DO NÃO LUGAR

OU

PARA NUNCA DEIXAR DE CANTAR A MINHA ALDEIA

OU

ÁGUIA E LEÃO

OU

POESIA ANINHADA NOS RIOS

OU

PORTO DE PASSAGEM

OU

SPOLLIVM SECVNDVS

(ET FILII...)

Não Lugar 2

Meu coração
é uma cidade
com arranha-céus de luzes para dentro...

A rua-porto-de-passagem
é o não lugar dos (des)encontros
entre seres fluidos,
de vida líquida...
...entre o sólido
e o insólito
entre o líquido
e o ilícito
explode meu coração:
bomba de gás-veneno!

Sou no meio da rua
– ninguém se/me vê – :
Sou neo-pós-moderno
Confesso!

Mas não dos que creem em nada
não dos que creem no fim
de todo e qualquer começo mesmo,
porque meu coração cresce com a rua
mesmo que ninguém se/me veja crescer,
mesmo que ninguém se/me veja,
mesmo que ninguém no meio da rua,
mesmo que ninguém no meio,
mesmo que ninguém mesmo...

Em verdade,

sou muito vários em *mixtura*
– e mais ninguém se encontra no meio da rua –

Enquanto tudo transita,
paro para encontrar o mundo,
porque é preciso encontrar...

De pastiche em pastiche
de talvez-humanidade
limito-me apenas a reinventar
o olhar dos outros de mim
e o meu olhar dos outros
meu coração dos outros
os outros
em meu coração.

Urbe: ubi?

Edifício

 é fácil de desmanchar
no ar
se não é palavra

(é difícil o sólido
fundado no fundo
líquido)

O derredor:

 água reside
 no poro da pedra

Tudo des-mancha

se não é palavra:

 pedra nasce do pó
– pulveriza-se outra vez –
 e as águas voltam para o fundo da terra...

O derre-dor:

 o tudo-em-volta
 se desfaz:

 existe o nada em volta
 inexiste tudo em volta
 existe o não-tudo-em-volta:

volto eu
ao meu lugar?

Meu lugar não é palavra:
feito pó, foi no ar

e eu, na terra
e minha voz, na face das águas
ou na rua
na urbe
ubi?
u é lugar?

Se não é palavra:
lug-

ar!

Solares

“Astros quebrando nas pedras”

I – APOLO

Infinitamente domingo,
de uma margem
a outra
do rio de minha cidade
raios se estendem
 e o dia também nasce
 para dentro
 das águas do rio
 de minha cidade...
E a Aurora se veste de rosa
para receber os raios louros
da poesia.

II – HERMES

Ao pé da Rua do Sol,
a sombra de meu pai
medita e voa
soprando nuvens de quarta-feira...

 E meu pai quase não vê
 que gravitam pés alados
 à porta do prédio
 dos Correios e Telégrafos.

III – AFRODITE

Na sexta-feira,
corpos colossais cintilantes

de rainhas d'África
dançam de suor no Pátio de São Pedro...

E da água que brota
das rochas negras
surgem conchas entreabertas...

e o chão do Recife
se torna o nascedouro
da Estrela d'Alva.

IV – GAIA

Deitei-me nas pedras dos recifes,
abraçei meus joelhos
e olhei a cidade fértil como um útero...

De cada ponte, de cada edifício,
de cada fortificação centenária ou templo secular
brotava um sereno aroma de fruta...

Do porto se erguia um obelisco
e de seu cimo jorrava o terreno leite de minha mãe...

E eu, cercado d'água,
bebia o sangue pouco
da terra possível.

V – ÁRTEMIS

lua
nua
luz
da
lua...

ir-
mã
do
sol,
í-
mã
das
á-
guas...
se-
gun-
da-
fei-
ra:
ui-
vos
do
ho-
mem,
u-
vas
da
ma-
ta
e
so-
bre o
rio
um
fio
de
pra-
ta.

VI – ARES

Eu que sou homem
e vim de Marte
rasguei o solo do Monte
com minha espada
ao ver o solo vermelho do meu planeta.

De nada me serviu
(
a mim que sou homem
e vim de Marte
)
descobrir que a guerra
é uma arte chinesa...

Terça-feira:
bandeiras vermelhas e lanternas
no Monte dos Guararapes...

Restam-me a esperança e esperar
que do corte que fiz no solo do Monte
brotem teus olhos
de mulher
e chinesa.

VII – ZEUS

Descido de Apipucos,
meu pai segurava minha mão
numa quinta-feira cinza
pela rua do Imperador...

A despeito de todos os livros,
do jornal,

do gabinete,
brotavam fios menos negros
(cinzas)
na barba de meu pai
e sobre a cabeça de meu pai...

Percebi que há sabedoria
às quintas-feiras
na rua do Imperador
enquanto meu pai, mais cinza de sabedoria,
a despeito de todos os livros,
do jornal,
do gabinete,
segurava minha mão

para entrarmos solenes
na Capela Dourada.

VIII – CHRONOS

Num sábado à noite,
na Rua Nova,
topei com um velho mendigo
que simpatizou comigo
e eu com ele...

Sorriu-me sinceramente,
e eu, timidamente, sorri-lhe...

Naquele sorriso amarelo-tempo
e amarelo-luzes-da-cidade,
aquele velho mendigo
me disse que o tempo é um deus bonito
porque é filho do céu...

No sábado seguinte, à noite,

na Rua Nova,
topei numa pedra velha de calçada
e nunca mais vi o mendigo
que me sorrira...

Naquela noite,
na velha Rua Nova,
aprendi que o Tempo
é um deus de grande boca,
um planeta de dedos longos...

cheios de anéis.

IX – URANO

O céu,
onde moram todos os deuses,
reflete as luzes da cidade
para parar o tempo
em que eu era
apenas menino...

É triste olhar o céu hoje
(
daqui
da
cidade
)
e saber que,
no tempo em que eu era
apenas menino,
eu já era um deus

e já morava no céu.

X – POSEIDON

É preciso
tanto mar?

Só o infinito sal
em que mergulha
o meu lento rio
sabe o que há
para além das águas...

Sou como a minha cidade:
homem de artérias aquáticas,
expostas ao céu,
deitado de costas sobre o mar...

...Tritão anfíbio
apoiado em velho tridente
e necessitado de tudo e de luz –
de mar, inclusive!

Sim... tanto mar é preciso.
Viver... nem é preciso dizer demais!

XI – HADES

Acima da porta
do planeta incerto,

um homem pensa
e observa a legião
imensa dos homens
em agonia:

Mercado de São José ao meio-dia,
Meia-noite no Alto José do Pinho...

Josés, Josés, Josés...

A selva escura
que cerca a todos
no meio do caminho
de nossa vida
é o gelo
em todos nós –

libertos no exílio...

Atados todos
a um sentimento-corrente
que nos põe nus diante do mistério...
Gravitamos em órbita equivocada
em direção ao caminho incerto
como este nosso planeta frio e último:

inferno.

XII – SISTEMAS SOLARES

Eppur si muove!

Esferas dançantes
em nós mesmos:

(A casa de Deus...)

balé orgânico no nada
de tudo que se vê

(e o raio...)

do alto do observatório
da Torre Malakoff.

Recife: claridade

Também sou teu,

Claridade

– cortina fresca da manhã,
hálito puro a bafejar o dia
pelas ruas: resto de noite –

Sou teu porque me trazes meus olhos
para te imprimir luminosa
neste papel de faz-de-conta.

Sobre tudo o que é sólido

Para Jacineide Travassos e Bernardo Souto

Cai o véu de seda
Desnudando as faces e corpos
Num voo de zéfiro...

Borboleteando – mancha leve –,
No *tempespaço* das almas,
Revela-nos... nus e tão frágeis...

Segue a seda-sílfide
Despindo os homens no vento
Para que, como a seda,
O homem ceda lugar ao homem
E, maviosa e languidamente,
Desvende
(numa explosão de vento)
A humanidade
Que não desmancha

No ar...

Sonambulante

Diante da parede,
Sacerdote dos verbos intransitivos,
Confesso-me do pecado
De tua ausência.

As luzes da cidade
Corroem-me a vista
Por dentro

(E tua ausência...)

Sinto a sina de seguir solidário
Aos sonâmbulos da Cidade...

Foste?
Tudo vai!

E o que fica
É o não espaço:
Entre a última sílaba do verso
E o ponto que não vem...

Rasgarei mais um...

E o que fica
Sou eu
E o mundo...

Tua imagem: meu cenário
E eu só.

Flutuando na cascata de tua fuga
Submerso nas elipses de tua ausência
Que me revela a mim:

Só.

O diário fechado sobre o peito
Os poemas todos rasgados
As luzes corroendo tudo pela janela...

E, numa folha qualquer de caderno velho,
A lição de que amar, no sentido de cidade iluminada,
É impessoal.

Dor de Cidade

A Lucila Nogueira

Senhores,

Vou largar este tema pretérito:

Tempespaço presente

Ou não espaço futuro (?!)

Ah, senhores!

Essa dor de arranha-céu!...

A million people

Em minha mente turbulenta e incandescida...

Ah, senhores! Esse espaço-espasmo

Que não me deixa!...

Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes

City of hurried and sparking waters! City of spires and masts!

Quisera possuir-vos como a uma mulher

Eu dentro dela?

Ah, senhores! Esse tempespaço

Que é dentro e fora de mim!

Queria deixá-la!

Sei que é possível deixar onde se está...

Mas será possível deixar o que há quando se é onde?

Minha alma aquática!

City nested in rivers!

Há recifes ao longe

E tão perto...

Como é difícil deixá-la, senhores...

Completamente a amo como a uma mulher que não se deveria amar...

Daquelas que se encontram casualmente

E se acham interessantíssimas:

Londrinas, parisienses, romanas, lisboetas

Mas...

Ah, senhores! Esses Tâmisas Senas Tibres Tejos

Capibaribe...

Como é difícil deixá-la!

City nested in rivers! my city!

Quero morrer, então, em tuas águas

De uma morte tão doce de ofender o mar!

Ah! Mar que não me deixa...

Que não me leva...

Salto no rio salgadoce de minha cidade

O doce rio de minha cidade é mais salgado que o mar...

Sal de não sei quê moderno, e eu, e água!

PARTE 3

ESPÓLIO DE GUERRA

OU

MANUSCRIPTOS DO RECLICÁRIO

OU

ET VERBVM CARO FACTVM EST

OU

CORDEIRO E LEÃO

OU

ESSÊNCIA DE DEUS

OU

PALAVRA

OU

SPOLLIVM TERTIVS

(ET SPIRITUS SANCTI)

Mistério Gozoso

“Da cosmogonia do poema”

Ascensão:

A explosão sagrada do instante...

Ascendo aos céus

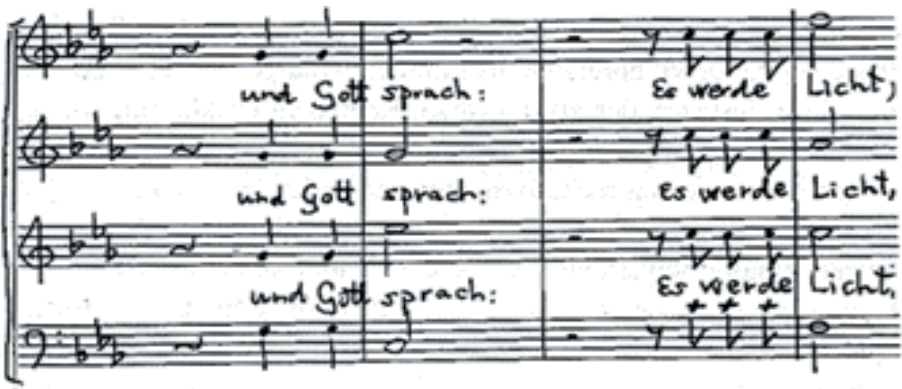
Uma nuvem de fumaça...

E nossos corpos comungados

Almas-duas

Entronizadas ao lado

De Deus...



Celestiais

“Dodecalogia do inefável”

I

Queria saber olhar-me num espelho
e, apenas uma vez, ver a mim
só para poder ver-te...

mas dói demais
ter um ônibus espacial
pousando no tórax.

II

Hoje,
um míssil
explodiu
um satélite.

III

Nunca me vi
(jamais verei?)

refletido no céu...

mas me sei no céu
em cada eclipse

da lua.

IV

Disseram-me uma vez
(e isso já faz muito tempo)
que a vingança é uma ceia glacial...

Hoje, sei que não sou mais homem

que gosta de comer gelo:
Lilith não reina mais em Capricórnio
E eu perdi para sempre meu mapa astral.

V

Gosto de receber presentes-de-grego:

posso vários, no céu,
inominados...

Quisera não sentir nada,
mas a música,

mas a festa,

mas o ruir dos pratos

dão-me ânsia de fechar
os portões de Troia.

VI

Apaguei as luzes
de meu jantar à luz de velas
para não enxergar a carne que comia...

O sol decidiu iluminar Peixes,
e apagar as velas
era meu único protesto possível
por ele ter-se recusado
a jantar comigo.

VII

Aqui, nesta parte da América,
tudo está consumado...

Elohim! Elohim! Lama sabachthani?

E Deus responde entre as estrelas,
nesta parte da América,

apontando o sul.

VIII

Escrevo aqui,
sentado no nada,
mas, quando nada acontece,
os astros se movem.

IX

Tudo está no céu: a luz
a treva
teus olhos
Deus...

A noite do poeta
é tingir de luz negra
este pouco papel escuro de tão branco
somente para pores nele

tuas estrelas caindo

e para que a matéria celeste se condense
e se amalgame
de tal modo que todo o Universo
se transforme numa esfera do tamanho do teu olho.

E, assim, no trevor de tudo que é nada,
o tudo que é tudo (re)principie
– explosão cósmica...

E tudo se faz!

X

No infinito ao meu redor,
as coisas celestiais...

E na Terra (corpo celeste),
meus ais tão terrenos...

Queria poder voltar
à minha condição de pó,
de ouro dos astros,
de partícula atômica em eterna suspensão
no cósmico...

Lá não havia ais
e, se houvesse,
eram celestes ais...

Resto aqui,
tão terreno quanto um tumor
do tamanho de Júpiter
no útero de uma menina.

XI

Muito antes do ruído da ciência,
a poesia já provara
a relatividade, as incertezas,
as catástrofes, a borboleta...

Escrever sob o céu
é tão perigoso quanto estar vivo...

E pesa sobre mim,
com a maior das forças,
a ciência de que o risco de minha caneta
provoca a queda de um asteroide na Coreia.

XII

Somos tão velhos
num planeta tão novo
e giramos...

E giramos sem perceber
que a pior das nuvens de fumaça
é a nossa própria velhice
tão jovem...

Pobre homem...

não viverá
para ver o dia
em que o velho sol
transfigurar-se-á na sutileza
de uma supernova.

Física

O que me seduz
é teu vórtex sugando minha luz,
enquanto a fusão
de nossas massas
a c e l e r a - s e
acelera-se ao quadrado da velocidade
do que me levas
nas trevas
das tuas entranhas
de buraco no espaço.

No nosso vácuo
- o único em que há atrito
força de contato
produção de calor
e nenhuma conservação de energia,
eu Trabalho...
magnetismo puro...
empuxo...
navego em movimento oscilatório
na parábola de tuas ondas
para lançar-me,
oblíquo,
no espaço de teu seio:
o grau 45
de meu olhar 43.

Máximo alcance
é o de minha luz,
meu fóton

no centro
de teu corpo
em

l
i
v
r
e

q
u
e
d
a

onde toda resistência
é só bem-vinda
se resulta na água!

Gravitamos elipticamente
Giras ao redor de minha luz!
Sugas-me em prisma multicolor
de suor,
sabor
e dor
física!

Poema Pitagórico

Para Igor, Milla, Thomaz, Ana Carolina, Gustavo e Izabela

Teorizo o amor:

ela ao quadrado

é igual a ele ao quadrado (quando lhe vira a cara)

mais ele ao quadrado (quando lhe beija a boca)!

Demonstro o amor:

a diagonal do quadrado da existência a divide

em duas divindades (trindades?) congruentes;

onde ele é os lados (em dúvida) do desejo

e onde ela é a diagonal (oblíqua): o desejo.

Temos então que ele ao quadrado mais ele mesmo ao quadrado é igual a
ela ao quadrado.

Logo, duas vezes ele ao quadrado é igual a ela ao quadrado...

Eis que ela, misteriosa, faz o mundo girar ao seu redor

muda de lado e faz com que ele se enraíze no solo do que chamamos
amor...

Assim, ela é igual à raiz de duas vezes ele ao quadrado...

: o que leva o cérebro a sentir e o coração a entender

que, por definição do destino (fabuloso!) e do que há para além dele,
ela é igual a ele vezes a raiz dos dois...

Onde estarão agora?

Unidos em matrimônio universal,

cerebral, etéreo,

matemático, quimérico?

Ou ainda indefinidos: simplesmente unidos: geometricamente:

triangulados?

Talvez do outro lado das grades da janela,
talvez no banco da praça,
talvez no luminoso tungstênio que nasce do velho poste...

Não se sabe
(saber-se-á um dia?)
onde andam ele ao quadrado (quando lhe vira cara)
somado a ele ao quadrado (quando lhe beija a boca)!

O certo é que o destino (fabuloso!),
hoje, sonoramente, dependurou-se numa parábola cósmica
somente para vê-los: triângulo.

Posse

Possuo amor e prazer...

A despeito
da mais ameaçadora
das investidas,
cubro-me da doce e firme
sensualidade dos Santos,
pois sou afeto pujante
e tranquilidade
e todo amor
ancorado no terreno sólido
de uma *plaza de toros*
banhada de sangue...

...e tenho tudo

Cogito

As asas de Deus
surgem de minhas têmporas
adolescentes

e meu pensamento

alado

sobrevoa o etéreo mundo
do conhecer...

apreendo Códigos

Signos

Símbolos

Cifras...

decodifico-os para ressignificar-me:

razão pura?

Que pureza há na razão,
se antes, durante e depois de muito amar
reflito
e reflito-me?

Sentir

Eu sinto.

Eu sou um jeito todo sereno
de sentir o amor
e de sentir o que há de Deus em tudo...

Sou homem e sou a Mãe
e eu sinto que não existo em mim somente...

Preciso de todos,
preciso do outro
e luto por fazer de tudo
um luxo favorável de sensações
para mim e para minha família inteira...

Recolho-me,
mas sei que minha família
é o outro de que preciso para ser
e sou e sinto que sou também...

E, assim, aos meus ouvidos,
Deus fala em todas as línguas.

Teatro de Sombras

Tabu.

Silhuetas no vazio.

Abrolhos de luz...

Réstias recolho

De vidas recortadas

Ante a lâmpada

Que arde como um olho.

Silhuetas – ainda – no vazio...

No vazio de não mais ouvir

O tilintar do molho de chaves...

Molho-me de penumbra!

Mas no instante

Em que todo me desfolho,

No fundo de minha caverna

Recriada por um fio de

L u m i n o s i d a d e,

Ouço

Uma petulante porta súbita!

.....
Era ela,

Por debaixo da porta,

Inconcebível

Invasora

Monstruosa

Destruindo o escuro magnânimo

Humilhando meu fio-de-luz-encanto

Derretendo meu mundo-na-parede
Enchendo tudo e diluindo as silhuetas
Que eu não mais olho!

Tanto branco!

Fecholhos.

.....

E, como no Tabor,
Tudo se transfigura.

Totem.

Águas de Janeiro

Era um janeiro eterno
quando minha mãe d'água
me ensinou as primeiras palavras
como quem me faz beber águas de janeiro terno...

Não mais parei
de recolher águas na tigela do desejo de falar mais
para que minha mãe visse seu menino d'água
cristalino

puro

novo

e, como janeiro,

terno...

E segui imitando cada pai que tive
só para que minha mãe
me visse espelho d'água
(coisas de menino...
como são boas
as coisas de menino...):

tudo, tudo terno...

Hoje sei que não sou cada pai que tive...
Sou apenas água.

Sou um ano que recomeça...

Eterno!

O grito de Munch

Uma resposta para um silêncio meu, perdido em um não lugar

No dia em que (res)soou o grito,
tudo se ouviu.

A voz reencontrou-se aos olhos
do mundo
com destino a todo lugar
(ou à alma dos homens!...)

O céu (res)sangrou
a cor uivou
e o tudo
de tudo em furta-cor:
cor de almas que urram
voltou a ser...

O uivo rasgava o silêncio
enquanto eu, pasmado, (re)brilhava
no fiorde-aqui-dentro expressivo
de toda voz!

Raridade

Para Rayssa, minha epifania

Tua última música
fez em mim tanto som:
“Santo é o teu nome, minh’alma engrandece,
meu espírito exulta!...”

Escreveste em minha pele
Teu novo Magnificat
E tudo em minha boca
Foz mais que mudez.
E, para alguém que vive da palavra,
ser mais que mudo é ser mais nada.

Reverti o quadro bebendo eu mesmo
de cada gota-silêncio
cristalizada em cada mundo-entrelinha
do novo Magnificat
que escreveste em minha pele.

E isso, para alguém que ficou mais que mudo,
é palavra.
E palavra, para quem vive de palavra,
é tudo!

Faminto

Infeliz é o que crê
que só de pão vive o homem...
Ainda não sentiu o divino gosto da Poesia.

A Escola de Atenas

Na *Stanza della Segnatura*,
Tem mais razão
Quem aponta para o Alto.

O Rochedo

O Rochedo no mar
É o dedo de Deus:
Lugar seguro onde subo
Para ajeitar a posição da lua...

Salmo

Eu Sou
– Aquele que me moldou de barro
é quem pode me moldar
de carne
e sangue.

Só assim
ninguém evoca mais meu pó...
O lugar do pó é o deserto
e as pirâmides.

Louvado sejas, Eu Sou!
Por Ti
floresço
para encontrar-te.
Jardim.

Se nada éramos nós,
o tempo é pretérito,
porque tudo
(e não nada)
está consumado.

Sendo assim,
Não me consumo,
Nem o nada me consome...
Subo apenas para as flores do jardim:
sou rosa de Eu Sou.

E tu, Eu Sou

(rei e abelha)
coroas-me de pólen
tocas-me os estames
vivificas-me de escarlate
a pétala mais rosicler:

Por simplesmente Seres,
Teu sopro
meu aroma
Te canta
Aleluias
na língua das flores.

A língua de Deus

Senhor, o meu soluço
é minha palavra
em língua que minh'alma
sabe bem.

Senhor, o meu soluço
é minha palavra
que fugiu de meu coração
e esqueceu de passar por minha voz.

Senhor, o meu soluço
não é minha palavra
sorradeira,
fugidia,
esquecida de esperar meu pensamento.
Não.
Isso não é sequer o meu soluço.

O meu soluço, Senhor,
é minha palavra
em Tua boca
sem que eu possa traduzir;
é toda a oração
que posso fazer
em língua
que Tu entendas
em meio a minha afazia.

O meu soluço, Senhor,
é poesia!

Palavra

Numa fresta
(vidro e concreto)
De uma das estalagmites
Que se erguem
Do centro da cidade,

Deus escreveu
Um poema
Verde

Com a sementinha
Que uma pomba
Levara no bico
Para o seu ninho
Construído engenhado
Arquitetado

Na marquise
Do vigésimo primeiro
Andar.

Mas os homens
(vidro e concreto)
Mandaram destruir
O ninho da pomba,
A pomba,
O poema verde...

Paciência!

- Eles não sabem o que fazem...

Passaram céus e terras
Sobre e sob o arranha-céu.
Permaneceu a semente, lá,

Pronta, na fresta
(lodo e líquen)
Para provar o velho novo:

que Deus é poeta dos bons
e que a sua poesia
– como toda boa poesia –

permanece para sempre.

Conversão

O poeta
em pânico
que eu era
converteu-se
no poeta
em Temor
que eu sou

e a pouca
palavra oca
que minha boca
fizera

em estrela
em brilho
em canto

se transfigurou.

Evangelho

No princípio
Era o Verbo no vazio...
Então o Verbo desfez o vácuo
E, enquanto criava
A física,
Encheu-se de amor pelo som...
E pôs-se o Verbo na boca do homem
Para estar mais perto do homem,
Para ser o que sai do coração do homem...

Mas o homem
Esqueceu de cantar
E, às vezes, gritou...

Cansado de tanto ruído,
O Verbo
se fez homem
para lembrar ao homem
como se canta...

E a canção pôde voltar
Ao coração do homem
E habitar em nós.

O Dragão e o Cruzeiro

Aquela constelação
– que nem sempre é
o que eu digo dela –
me faz lembrar
a forma de um dragão
ou uma chuva de estrelas.

Mas isso é apenas
O que eu digo dela.

No entanto,
Aquela outra
Constelação verdadeira
É muito mais
Do que jamais
Eu poderei dizer dela...

Ela me lembra que a manhã nascerá,
Ela me lembra uma forma de amor
Capaz de fazer
Nascerem estrelas...

E isso é apenas
O que eu consigo
Dizer dela

Com minha
Língua
Ainda tão desconstelada.

Salvação

O poeta
É
Dos caídos
O mais exemplar:

Vive aspirando
Aos temas mais sublimes,
Vê-se tentado
Por uma ideia
De transgredir a ordem
(um instinto,
uma vontade de forma)
e cai
na boca
do abismo da palavra telúrica.

O que fazer
Com essa saudade
Do paraíso perdido?

E esse desejo
Sem tamanho
De voltar à unidade?

Deus – que também é poeta e fez
O poeta sua imagem poética
E semelhança –

Curva-se
Para ouvir
O poeta pouco,

Caído
E lhe envia
Ao coração

O arauto da Palavra Celeste:
Aquele única
Capaz de erguê-lo,
De tomá-lo de volta...

E fazê-lo subir...

O arauto
É poesia!

Poema sem poeta

Imagine um poema
que existe,
mas não foi escrito...

Ele (não) é
Só um rompante,
Uma vontade
Sem forma,
O não verbo.

Existente
Na não existência,
Sem autor, sem corpo,
Sem leitores,
É raio sem brilho,
Trovão inaudito
E pior: inaudível
Para sempre
E pior: não é sequer silêncio,
Pois que há silêncios
Que discursam
Dramatizam
Falam.

O silêncio existe.

Assim é um poeta
Sem Deus: poema
Sem poeta,

Coisa alguma
Por escrito.

O Abridor

Todas as metáforas
São divinas.
Tantas vezes
Tentei entender
O que era crer em Deus
E só sabia o que não era crer em Deus.

Crer em Deus
não é só
dizer “Senhor, Senhor”
Com aquele ar de “Creio em Deus Pai”.

Tampouco é
Erguer a voz
Com olhos blindados
E discursar
Com veemência

Secundum scripturas

Quem crê em Deus não é o religioso:

Este é o hipócrita, o bandido,
O ladrão, o falsário,
O atribulador de todos os aflitos...

Esse é o que crê na própria mentira.

Entendi tudo isso,
Mas o que era
Crer em Deus que é bom, nada!

Pedi a Deus que me mostrasse
– O que é crer em Ti?

Senti-me como Zefa,
uma doméstica que cuidou de nossa meninice,
procurando o abridor de latas.

Tinha certeza de que estava na gaveta.

Não estava.

Então só poderia estar junto com
Os talheres.
Aqueles meninos tiram tudo do lugar!...

Nada...

– Cadê o abridor, menino?
Eu preciso achar
Que teu pai já tá chegando
E quer a mesa pronta pro jantar!

Então Zefa viu o jardim
Nos olhos do menino
E acreditou que era possível
Que o abridor
Estivesse lá.

Justo no jardim?

Foi ao canteiro
De Amor Perfeito
Pegou o abridor

Que repousava cintilante
Sob as folhas,
Abriu a lata
Ainda sem entender
E ali, quase à hora
Do jantar,
As pétalas das onze horas se abriram...

Que história!

Ver respostas nos
Olhos do Menino;
Encontrar
Onde menos se espera
O abridor
Do amanhecer?!

Sim! Tenho a impressão de que Deus me respondeu!

Parte de Deus

Também eu

Sou
– senão –

Partícula de Deus

Em suspensão
Nesta queda:
Adâmico andante no
Edifício árvore-da-vida...

Não por acaso
(mas por causa
de um amor
espinho madeira ferro
porta de pedra que se rasga ao meio
qual véu de fina tessitura
e longa data)
sou também
a residência de um Deus inteiro
que não cabe – e cabe –
nesta morada-mim que eu chamo de eu.

Eis, então,
Que não sou mais
– senão –

Partícula de Deus

Sou parte
De Um Todo
E, por isso mesmo,
Não mais me digo que sou parte
Sou *poiésis*

De um Deus

Todo

e

Arte!

Divina Poética

Nesta busca por palavras,
Saí com várias...
Jantamos juntos...
Fomos ao cinema,
Com algumas figurei nas altas rodas:
Publiquei-as!

Houve aquelas,
Imprudentes,
Que me estenderam
Sobre o leito
De poemas que não me pertenciam:
Mancha de palavras,
Palavreado,
Palavrório.
Palavrão!

De minha lavra,
Nenhum fruto...

Eram cinco palavras,
Lambendo minha boca,
E a que escapava de minha língua
Não era minha...

Cactos...

E eu ficava só
Em busca de água no poço de Jacó...
Até que a Palavra
Me encontrou
Sedento
De água,

De Palavra

E lavrou

A terra seca

De minha língua...

Abrolhos!

Foram cinco palavras:

Maravilha

Conselho

Força

Eternidade

Paz

E minha língua

Encharcada

Proclama:

Poesia!

POSFÁCIO

Marcos Bandeira Meireles Mota Rosa Melo Neto Cunha Melo Quintana Pessoa Assis Moraes de Andrade. Este extenso nome principesco não existe e existe. O poeta que se qualifica de menor, bebe da fonte dos grandes poetas, sem jamais deixar que rejam sua verve.

Nota-se um leve, quase tênue bandeirismo nos seus escritos, creio muito mais pelo fator simbiótico da *pernambuquez*, pela admiração e pelos estudos da obra do mestre de Pasárgada.

O jovem poeta Marcos apresenta uma poesia madura, desprovida de rebuscamentos métricos e monótonos, com uma pujança de um atleta olímpico, que alcança o pódio vibrando e sem cansaço.

Conheço Marcos e o admiro. São raríssimos os de sua idade que possuem o cabedal de conhecimentos seu. Sua trajetória literária não é simplesmente meteórica, mas alicerçada em base sólida, que veio de sua formação Marista. Estudei também, desde o primário, com os Irmãos Maristas, e conheço muito o bem que me fizeram com a árdua disciplina e orientação educacional.

Melchiades Montenegro Filho – Presidente da Academia
de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro
Recife, novembro de 2012

BIOGRAFIA DO AUTOR

Segundo o Professor Lourival Holanda, do Departamento de Letras da UFPE, Marcos de Andrade Filho (1982) “faz parte de uma geração de jovens poetas que não resolvem o descaminho destes dias duros pela paralisação; uma geração que não se resigna à não significância”. O autor nasceu no Recife e estudou em sua cidade natal e em Brasília-DF. É professor de Literatura em importantes colégios e cursos do Recife. É membro da União Brasileira de Escritores, do Movimento Internacional *Poetas del Mundo*, da Academia de Letras do Brasil - Pernambuco e da Academia de Letras do Brasil - Brasília/DF. É casado com Rayssa Mesquita de Andrade e é pai dos gêmeos Marcos Emanuel e Mel.



Outras obras do autor:

Sem título (poesia, 1999)

Não lugar (poesia, 2005)

Epílogo a Passos por Pasárgada (poesia/teatro, 2005)

Iluminuras (poesia, 2006)

Mané (poesia, 2008)

Manuel Bandeira: o menino-poesia... eterno (ensaio, 2008)

Vida, mistério e milagre: a poesia de Esther Sterenberg (ensaio, 2009)

Antologia da Biblioteca Popular de Afogados (poesia, 2010)

Revista União pelas Letras da UBE-PE (periódico, 2010)

Antologia da Academia de Letras do Brasil – Brasília/DF (poesia, 2011)

SPOLLIVM (poesia, 2012/2013)

Raridades (contos, no prelo)

SPOLLIVM

FORMATO

15,5 x 22 cm

TIPOGRAFIA

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br | editora@ufpe.br

ISBN 978-85-415-0169-9



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.